

INTERVENÇÕES DOCENTES PARA APOIAR OS ESTUDANTES NA SEGMENTAÇÃO VOCÁLICA E CONSONANTAL NA ESCRITA DE SILABAS COMPLEXAS¹

Letícia Santos Silva²
Tawanne Miranda Goes³
Giovana Cristina Zen⁴
Leda Macedo de Souza⁵

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre o planejamento e a realização de intervenção pedagógica com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, desenvolvida no âmbito do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFBA), subprojeto Alfabetização. A proposta articulou a formação inicial de estudantes de Pedagogia à prática docente em turmas de alfabetização das escolas municipais parceiras. O objetivo foi compreender os obstáculos enfrentados pelas crianças ao produzirem escritas alfabéticas e apoiá-las no avanço de suas conceitualizações sobre a escrita. O diagnóstico inicial revelou que algumas crianças que já produziam escritas alfabéticas demonstravam muita segurança para produzir sílabas com estrutura consoante-vogal, mas não conseguiam resolver problemas das demais estruturas silábicas. A partir desse levantamento, foram propostas situações didáticas contextualizadas e reflexivas, como a revisão das legendas do Mural de Personagens, nas quais as crianças foram desafiadas a revisar as próprias produções escritas. A partir da escrita de XAPUZINO VREMELO para Chapeuzinho Vermelho e BARCA DE NEVE para Branca de Neve, foram realizadas intervenções para que as crianças refletissem sobre quantas, quais e em que ordem devem ser colocadas as letras para assegurar a segmentação vocálica e consonantal nas diferentes estruturas silábicas. Os resultados evidenciaram que intervenções planejadas e a partir do que sabem e pensam as crianças sobre o sistema de escrita contribuem de forma significativa para a alfabetização, favorecendo avanços na apropriação da escrita alfabética em situações didáticas contextualizadas. Esses resultados dialogam com a produção de Zamudio(2020), Vernon(2004), Ferreiro & Zamudio(2013) e Zen(2023), que ressaltam a importância da problematização docente no contexto de um ensino reflexivo e contextualizado para que as crianças avancem em suas conceitualizações sobre a escrita. Ademais, a experiência reforçou o papel da formação inicial de professores como espaço de reflexão crítica e de construção de práticas alfabetizadoras.

Palavras-chave: Alfabetização, escrita alfabética, intervenção pedagógica, PIBID.

¹ Relato de experiência do projeto PIBID fomentado pela CAPES

² Graduanda de Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, UFBA e bolsista no Programa de Institucional de Bolsas de iniciação à Docência - PIBID, leticiasantos.academico@gmail.com;

³ Graduanda de Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, UFBA e bolsista no Programa de Institucional de Bolsas de iniciação à Docência - PIBID, tawnne07@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutorada em Educação, Universidade Federal da Bahia, UFBA, giovanaacristinazen@gmail.com;

⁵ Professora da Rede Municipal de Salvador, pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental com Ênfase em Alfabetização e Coformadora do PIBID, ledamacedo2009@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo fundamental para a inclusão social e o desenvolvimento educacional. Compreender as etapas do desenvolvimento da linguagem escrita possibilita a criação de práticas pedagógicas mais eficazes para crianças em fase inicial de aprendizado. A psicogênese da língua escrita, conforme estudada por Emília Ferreiro, oferece um olhar mais compreensivo sobre essas etapas, promovendo avanços inovadores acerca dos processos pelos quais as crianças constroem significados e hipóteses sobre a escrita. Apesar dos avanços nas metodologias de alfabetização, muitos educadores ainda enfrentam desafios para compreender os processos cognitivos das crianças no aprendizado da escrita.

Neste contexto, o presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvida no âmbito do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UFBA), subprojeto Alfabetização, que visa articular a formação inicial de estudantes de Pedagogia com a prática docente em turmas de alfabetização de escolas parceiras. As bolsistas Letícia Santos e Tawanne Miranda conduziram uma intervenção pedagógica com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Casa da Providência, localizada na cidade de Salvador – Bahia, buscando aproximar teoria e prática e refletir criticamente sobre os desafios implicados na docência alfabetizadora. Durante as experiências em sala de aula, foi possível perceber, a partir das teorias de Ferreiro e Teberosky (1985), que o processo de aprendizagem da escrita vai muito além de copiar letras ou memorizar sons.

As autoras, baseadas nas ideias de Piaget, destacam que a criança constrói conhecimentos sobre o funcionamento do sistema de escrita por meio de suas próprias descobertas e reflexões. Ao interagir com diferentes situações de leitura e escrita no ambiente escolar, ela começa a se questionar sobre o que está escrito e como se escreve, elaborando hipóteses sobre esse processo. Para além de aprimorar a escrita, o aluno precisa compreender três aspectos fundamentais: entender que a escrita é uma forma de representação; compreender o que ela representa e perceber como fazer essa representação. Em nossa vivência, notamos que essas aprendizagens acontecem de forma gradativa, com muitas tentativas, observações e reconstruções, o que confirma a perspectiva construtivista





psicogenética de que aprender a escrever é um processo ativo e contínuo, e não uma simples reprodução do que é ensinado.

A atividade central consistiu na realização de ditados de palavras de sílabas complexas como atividade norteadora e na leitura de livros, previamente selecionados para a idade dos alunos, contendo as palavras que foram ditadas, momentos em que as crianças foram convidadas a refletir sobre a escrita de sílabas complexas e sobre o funcionamento do sistema alfabético. Essa proposta buscou ir além da simples memorização, incentivando os alunos a pensar sobre como as palavras são formadas e de que maneira os sons se relacionam com as letras. Adotamos também o uso do caderno de assinaturas, estratégia realizada semanalmente no período da tarde, às terças e quintas-feiras, durante o tempo em que as bolsistas realizam as atividades práticas na escola.

Essa prática se mostrou um espaço privilegiado para a aprendizagem ativa e significativa, permitindo que as crianças assinassem seus próprios nomes, promovendo o reconhecimento do nome próprio e dos colegas, bem como o contato aprofundado com as letras e a estruturação da escrita. Importante destacar que, nessa turma, coexistem crianças com diferentes conceitualizações sobre a escrita, como as pré-fonetizantes, silábicas iniciais, silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas, fazendo-se necessário o respeito ao ritmo individual de aprendizagem e a valorização dos saberes de cada um.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização, sob a perspectiva psicogenética construtivista de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), é vista como um processo ativo de construção do conhecimento, onde a criança formula hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita a partir de suas experiências. Essa abordagem valoriza o protagonismo infantil, rejeitando métodos tradicionais que limitam a participação da criança e privilegiam a memorização mecânica. Zen (2023) complementa essa visão ao defender uma intervenção docente pautada em um ensino contextualizado e reflexivo, que problematiza as conceitualizações infantis em vez de focar no ensino direto da relação grafema-fonema.





Para Zen, o professor deve mediar situações que permitam às crianças experimentar suas próprias formas de produzir conhecimento, valorizando o erro e promovendo a autonomia e participação na comunidade leitora:

[...] A apropriação de práticas de leitura e escrita com vistas à plena participação no contexto social, exige do sujeito coragem e ousadia para aprender. Não se trata de obediência para receber passivamente informações oferecidas pelos adultos alfabetizados, mas uma intensa atividade intelectual e política para experimentar e transformar a escrita, um objeto cultural da maior importância para a nossa sociedade, do qual todos nascemos herdeiros. Por esse motivo, tornar-se imperativo que crianças, jovens e adultos estejam autorizados a manipular a escrita para compreender seus usos e funcionamentos. (ZEN, 2023)

Desse modo, ao articular atividades como o ditado diagnóstico, a leitura do livro e o caderno de assinaturas, busca-se não apenas ampliar a compreensão dos alunos sobre o funcionamento da escrita, mas também contribuir para sua formação integral.

A seguir, apresentamos a descrição das atividades realizadas em sala de aula, demonstrando como as teorias discutidas se concretizaram na prática e quais reflexões emergiram a partir dessa vivência.

METODOLOGIA

Para tornar possível a elaboração desse relato de experiência, foram propostas atividades contextualizadas em sala de aula que dialoguem com a perspectiva construtivista psicogenética. Essas atividades foram desenvolvidas principalmente por alunos considerados alfabéticos, no ambiente da sala de aula, durante dias específicos da semana (terças e quintas) com duração de quatro semanas.

Como forma de compreender as demandas de aprendizagem de aprimoramento da compreensão mais significativa das sílabas complexas, foram elaboradas atividades dinâmicas e que estimulasse a reflexão das crianças em relação à língua escrita, fazer possível compreender e analisar caso houvesse erro de escrita e elaborar hipóteses sobre como seria a escrita correta das palavras. Um desafio presente durante a intervenção foi a autocrítica das crianças frente aos próprios erros, que muitas vezes geram dúvidas e inseguranças quanto à capacidade de aprender a escrever. Entretanto, conforme reforçado por Ferreiro e Teberosky (1985), os erros são parte natural e obrigatória do processo de construção do conhecimento.



Eles sinalizaram o desenvolvimento de hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, revelando os esforços cognitivos e as conquistas graduais na apropriação do código alfabético. Assim, a intervenção buscou não apenas o progresso técnico da escrita, mas também a valorização do processo como algo significativo e motivador para os alunos, incentivando a superação de obstáculos e o protagonismo no aprendizado.

Cada etapa da atividade foi iniciada com uma breve explicação e contextualização da tarefa às crianças, seguida da escrita das palavras de sílabas complexas, a leitura e identificação dessas palavras, autocorreção e criação das hipóteses sobre a escrita e a assinatura dos nomes no caderno de assinaturas.

Para a realização das atividades utilizamos recursos diversos como, alfabeto móvel, o livro A Ponte, do autor Eliandro Rocha com ilustrações de Paulo Thume, lápis, caderno, quadro, e demais recursos didáticos presentes na sala de aula.

Os bolsistas acompanhavam individualmente, fornecendo orientações conforme as necessidades específicas de cada aluno, respeitando o tempo de cada um para concluir a atividade. Durante a execução, observamos as manifestações das crianças, registrando avanços, dúvidas e dificuldades. A atividade incluiu momentos de socialização, em que os alunos compartilharam suas produções e reconheceram os nomes dos colegas, fortalecendo o aspecto social e colaborativo do aprendizado.

Na atividade contextualizada da escrita, identificação e releitura das palavras as crianças demonstraram um grande avanço ao reescrever posteriormente as mesmas palavras que apresentamos na atividade inicial, refletindo e reafirmando de forma positiva que compreenderam o processo de escrita das palavras. Utilizamos outras palavras que apresentavam as mesmas sílabas complexas estudadas e a margem de erro na nova escrita foi mínima, chamando atenção apenas para a dificuldade em ainda diferenciar se a palavra era escrita com “Z” ou com “S”.

No processo de aprendizagem com o caderno de assinaturas ocorreu uma situação que evidenciou o desenvolvimento de um dos alunos. Enzo, uma criança que ainda se encontra na hipótese de escrita silábica inicial conseguiu identificar seu próprio nome dentro do nome de outro colega, Lorenzo, ao ler o caderno de assinaturas, ele descobriu que o nome dele estava





presente na sequência “LorENZO”. Esse episódio destacou-se como marco no reconhecimento progressivo dos nomes.

Outras situações didáticas foram elaboradas para promover reflexões mais aprofundadas sobre estruturas silábicas e os princípios da escrita alfabética. Atividades contextualizadas, como a revisão das legendas do Mural de Personagens, na qual os bolsistas convidaram as crianças a revisar suas próprias produções escritas, favorecendo a reflexão sobre quantas, quais e em que ordem colocar as letras. Essa abordagem fundamenta-se na psicogênese da língua escrita, que atribui papel central à intervenção docente reflexiva e ao estímulo à autonomia do aprendiz.

A avaliação feita foi contínua e formativa, baseada na observação sistemática das produções escritas e das interações das crianças durante as atividades. Os critérios consideraram o progresso no reconhecimento das letras, a capacidade de reprodução do seu próprio nome e dos nomes dos colegas, a autonomia na execução das tarefas, e a participação nos momentos de socialização. Além disso, foram comprovadas as hipóteses que as crianças levantaram sobre o sistema de escrita, a retomada e revisão das produções, e o engajamento no processo. Esses elementos permitiram ajustes no planejamento das próximas intervenções, tornando o processo dinâmico e adaptado às necessidades reais da turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

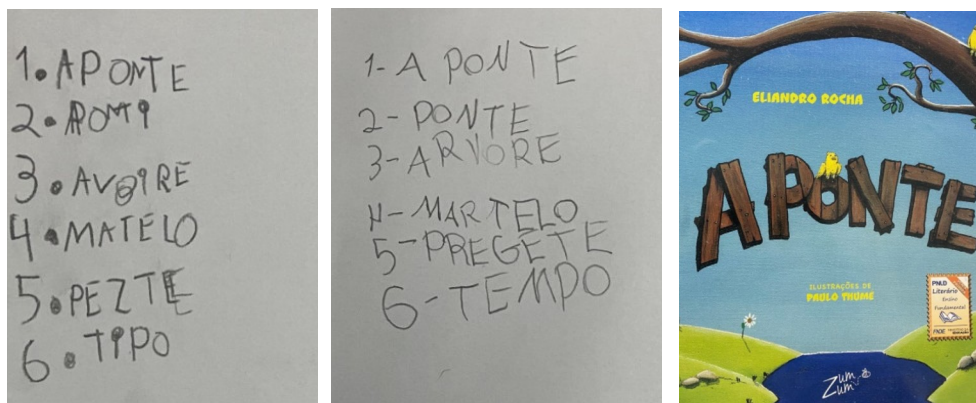
A intervenção didática realizada com as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental possibilitou compreender o modo como se apropriaram do sistema de escrita. O diagnóstico inicial revelou que algumas crianças já produziam escritas alfabéticas com relativa segurança em sílabas simples do tipo consoante-vogal (CV), mas apresentavam dificuldades em lidar com estruturas mais complexas, como consoante-vogal-consoante (CVC) e consoante-consoante-vogal (CCV). Tais produções iniciais evidenciaram hipóteses ainda em construção, indicando a necessidade de intervenções pedagógicas reflexivas, que considerassem o que as crianças pensam e sabem sobre a escrita.

A leitura compartilhada do livro *A Ponte*, de Eliandro Rocha, constituiu um momento central para a problematização da escrita. As crianças foram convidadas a identificar palavras no texto e a relacionar essas palavras com seus próprios registros escritos. Observou-se que



passaram a demonstrar maior atenção ao analisar suas produções, refletindo sobre a necessidade de representar todas as letras nas palavras.

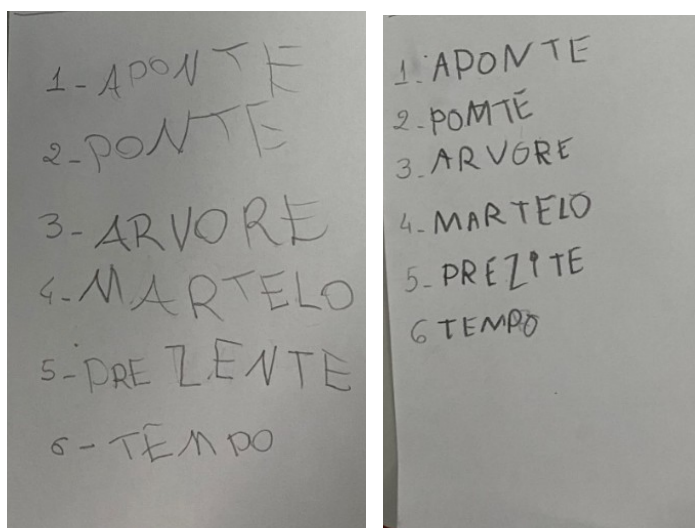
Figura 1, 2 e 3: Atividade diagnóstica e recurso utilizado.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Em reescritas posteriores, observou-se que as produções das crianças tornaram-se progressivamente mais completas e detalhadas. Houve a inclusão de consoantes intermediárias, ajustes em posições anteriormente omitidas e tentativas de segmentação das palavras de acordo com a ordem das letras e a estrutura silábica, indicando que as crianças estavam refletindo sobre o funcionamento do sistema alfabético.

Figura 4 e 5: Reescrita das palavras após leitura do livro.



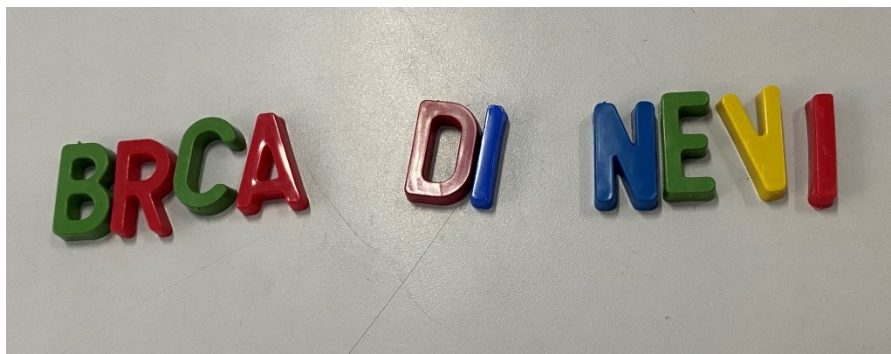
Fonte: Autoria própria, 2025.

Para ampliar a reflexão sobre a escrita, foram realizadas atividades de revisão das legendas do Mural de Personagens. As crianças produziram registros iniciais como



“XAPUZINO VREMELO” para *Chapeuzinho Vermelho* e “BARCA DE NEVE” para *Branca de Neve*, que evidenciavam omissões, trocas e reorganizações de letras, sobretudo em sílabas mais complexas. Nessas situações, os erros não foram tratados como falhas, mas como oportunidades de investigação coletiva. As crianças foram desafiadas a pensar sobre quantas letras faltavam, quais estavam incorretas e como reorganizá-las para que se tornem legíveis. Esse processo de problematização possibilita um aprendizado mais significativo e colaborativo, confirmando a relevância das propostas de Vernon (2004) e Zamudio (2020), que enfatizam que o ensino da escrita deve considerar os conhecimentos prévios das crianças e promover reflexão sobre as próprias produções.

Figura 6: Atividade de estruturação das palavras.

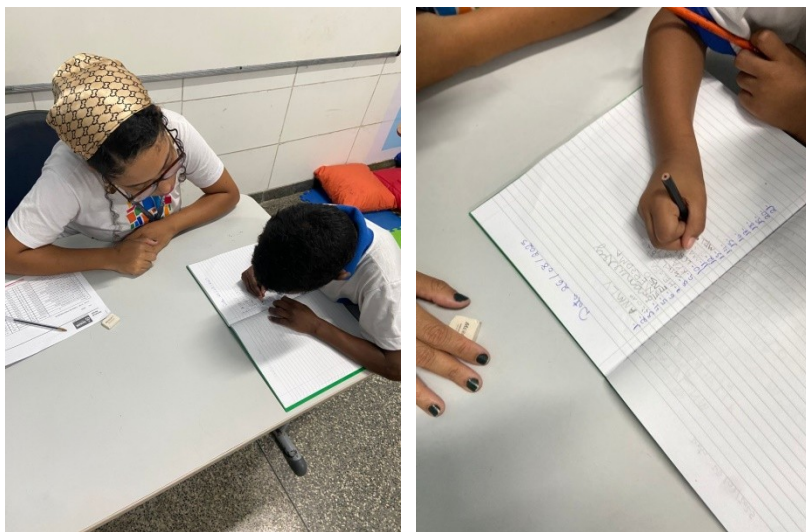


Fonte: Autoria própria, 2025.

O uso do caderno de assinatura também emergiu como estratégia pedagógica de grande relevância. Cada assinatura passou a representar um momento significativo de reflexão sobre o funcionamento da escrita, no qual as crianças tomam decisões sobre a escrita do próprio nome. A prática de escrever o próprio nome constituiu um avanço importante na etapa inicial da educação, demonstrando que a escrita é simultaneamente um instrumento de expressão individual e de inserção social.

Figura 7 e 8: Atividade de assinatura do caderno de assinatura.





Fonte: Autoria própria, 2025.

A partir das intervenções realizadas, as crianças tornaram-se mais seguras, participativas e conscientes de suas produções, consolidando aprendizagens essenciais para a alfabetização inicial. Assim, os achados dialogam com Vernon (2004), Zamudio (2020), Ferreiro & Zamudio (2013) e Zen (2023), que destacam que a alfabetização se fortalece quando o ensino da escrita se ancora em situações significativas e contextualizadas, que consideram o que as crianças pensam e sabem sobre a linguagem escrita.

Além disso, a experiência evidencia o papel da formação inicial de professores como espaço de reflexão crítica e construção de práticas alfabetizadoras, permitindo que os estudantes de Pedagogia observassem, analisassem e interviessem nas conceitualizações infantis sobre a escrita, promovendo um ensino reflexivo e contextualizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência desta intervenção foi uma experiência significativa, tanto para as crianças quanto para nós, bolsistas em formação docente. A cada encontro presencial na escola, compreendemos com mais clareza o quanto ensinar a ler e a escrever exige sensibilidade, escuta e planejamento. Estar em sala de aula com crianças em diferentes fases da alfabetização nos desafiou a olhar para além dos erros e enxergar as hipóteses e os caminhos que cada uma percorre na construção do conhecimento.

Durante o processo, aprendemos que a mediação pedagógica não é corrigir, mas principalmente provocar o pensamento e criar situações em que o aluno possa refletir e





reconstruir suas hipóteses. Provoa o pensamento fez toda diferença no modo como as crianças se engajaram nas atividades e passaram a participar com mais autonomia e apresentaram mais confiança.

Ao revisitar as escritas iniciais das atividades diagnósticas e compará-las com as produções finais, foi notório o quanto as crianças avançaram na compreensão do sistema alfabético. As reescritas mais completas, a preocupação com as letras faltantes e a correção espontânea de algumas palavras revelou um cuidado autêntico, fruto de um trabalho intencional e de uma escuta pedagógica comprometida com o desenvolvimento infantil.

Para nós, bolsistas, essa experiência representou um marco formativo de que alfabetizar é muito mais do que ensinar letras, é acompanhar processos de pensamento, promover autonomia e despertar o prazer pela linguagem. Entendemos, na prática, o papel transformador do professor que planeja com propósito e intervém com sensibilidade.

Os desafios enfrentados, como lidar com diferentes níveis de aprendizagem e respeitar o tempo de cada criança, também nos ensinaram sobre paciência e flexibilidade. Aprendemos a valorizar o erro como parte essencial do percurso, a reconhecer os pequenos avanços e a celebrar cada evolução.

Em conclusão, o relato desta experiência evidencia a importância dos programas de formação docente, como o PIBID, que aproximam a universidade da escola e permitem que a teoria ganhe vida na prática. As aprendizagens construídas neste percurso seguirão conosco, orientando nossas futuras atuações em sala de aula e fortalecendo nosso compromisso com uma alfabetização reflexiva, sensível e significativa.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossos agradecimentos a nossa professora orientadora Giovana Zen pelos ensinamentos na academia e a nossa professora coformadora Leda Macedo, responsável por nos guiar na prática em sala de aula.

Agradecimento em especial a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Figura 9: logo CAPES.





Fonte: Governo Federal – Ministério da Educação, 2017.

REFERÊNCIAS:

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emilia; ZAMUDIO, Celia. A escrita das sílabas CVC e CCV no início da alfabetização escolar. A omissão de consoantes e uma prova da incapacidade para analisar a sequência fônica? In: FERREIRO, Emilia. O ingresso na escrita e na cultura do escrito: seleção de textos de pesquisa. Trad. Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, p. 219 a 246, 2013.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ROCHA, Eliandro. A ponte. Ilust. Paulo Thumé. Porto Alegre: Callis, 2013. 40 p. ISBN 978-8574169019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Edital PIBID-UFBA nº 02/2025 – seleção de bolsistas de iniciação à docência. Salvador: PROGRAD/UFBA, 2025. Disponível em: <https://pibid.ufba.br/edital-pibid-ufba-022025-selecao-de-bolsistas-> Acesso em: 08 out. 2025.





VERNON, Sofia. ¿Qué tanto es un pedacito? El análisis que los niños hacen de las partes de la palabra. In: PELLICER, A.; VERNON, S. (org.). Aprender y enseñar la lengua escrita en el aula. México: SM, 2004. p. 14-33.

ZAMUDIO, Celia. Objetivación del lenguaje y conocimiento metalingüístico: transformaciones que posibilitan la escritura. Lingüística Mexicana. Nueva Época, v. II, n. 2, p. 99-131, 2020. Disponível em: https://linguisticamexicana-aml.colmex.mx/index.php/Linguistica_mexicana/article/view/338

ZEN, Giovana Cristina. Intervenção docente: por um ensino contextualizado e reflexivo. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.14121

